

O MASCULINO EM MUTAÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IDENTIDADE DO HOMEM NA SOCIEDADE ATUAL

MASCULINE IN MUTATION: SOCIAL REPRESENTATIONS OF MAN'S IDENTITY IN PRESENT SOCIETY

Diocleide Silva*
Angela Rockembach**
Francielle Comiran**
Ana Silvia Scandolara**

SILVA, D.; ROCKEMBACH, A.; COMIRAN, F.; SCANDOLARA, A. S. O masculino em mutação: representações sociais da identidade do homem na sociedade atual. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 81-86, jan./jun. 2007.

RESUMO: Nas últimas três décadas, as relações entre homens e mulheres têm se dado de uma forma mais igualitária, ampliando as possibilidades de ser homem. O presente estudo teve como objetivo investigar as representações sociais de homens sobre seu papel social. Participaram deste estudo 23 homens com faixa-etária entre 21 e 54 anos. Os dados foram coletados a partir da pergunta-estímulo: "Para você, o que significa ser homem?" As análises evidenciam algumas continuidades no que se refere ao papel de mantenedor e bom pai. No entanto, no discurso dos participantes emerge uma nova identidade, a qual possibilita a expressão de seus afetos de forma mais livre e a divisão de responsabilidades no âmbito privado.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Identidade. Representações sociais.

ABSTRACT: Relations between men and women has openly been more equal what enlarges the possibilities of being a man in the last three decades. This study investigates the social representation of men with respect to their social role. 23 men, 21-54 yr, took part in this study. The data were collected through a stimulus question: what does it mean to be a man for you? The analysis showed continuities regarding the role of provider and good father; however, a new identity rises from the participants' discourse, which enables men to show their affections freely as well as sharing responsibilities within a private context.

KEYWORDS: Masculinity. Identity. Social representations.

*Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, Professora do Departamento de Psicologia UNIPAR/Cascavel

**Acadêmicas do Curso de Psicologia UNIPAR/Cascavel, Participantes do Programa de Iniciação Científica

Recebido em maio/2007
Aceito em julho/2007

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, a relação de gênero - homens e mulheres - se deu, historicamente, de forma desigual, estando sempre o masculino em lugar de evidência, em detrimento do feminino. Em meio a este cenário, enquanto os homens vinculavam-se ao espaço público e tinham acesso a um desenvolvimento pleno, as mulheres sempre estiveram cerceadas no espaço privado, cabendo-lhes funções determinadas e limitadas dentro desse espaço. Com as reivindicações por igualdade de papéis - intensificadas pelos movimentos feministas - as mulheres ocuparam os espaços públicos e dividem de forma igualitária as mesmas responsabilidades do homem, que, por sua vez, se viu impulsionado a mudanças.

A identidade masculina

Sendo assim, os homens da sociedade contemporânea estão vivendo um momento de transitoriedade em suas identidades, que, para muitos, pode ser denominada de crise. Explicitamente, por muito tempo, as diferenças entre homens e mulheres colocaram a mulher em um lugar de inferiorização e o homem em lugar de destaque, dicotomizando o masculino e o feminino. Com o surgimento das reivindicações de cidadania por parte das mulheres e a consolidação dos movimentos feministas a partir da década de 60, foram desencadeadas mudanças no sistema patriarcal, que, por sua vez, desestabilizou a identidade masculina, gerando crise e transitoriedade.

Neste sentido, o feminismo não beneficiou somente as mulheres, mas estendeu-se aos homens que estão interessados em deixar de repetir estereótipos com os quais não mais se identificam. Nolasco (1993) se contrapõe à idéia de um homem fragilizado e em crise, defendendo que o que vivenciam os homens nesse momento é um período de busca individual pela integração do que pensam com o que sentem e fazem, possibilitando, a partir de suas vivências, rever uma identidade que não mais os satisfaz.

Tomando como referência o modelo de uma sociedade patriarcal, uma explicação para essa instabilidade identitária poderia convergir para a representação do homem de verdade. Meninos e meninas crescem sob a crença de que mulher e homem são o que são por natureza. No modelo de masculinidade a ser seguido, ressaltam-se as idéias de que o homem de verdade é solitário e reservado no que se refere às suas experiências pessoais, ou, quando muito, superficial e prático, direcionado para

agir e realizar atividades. Por outro lado, espera-se que o homem compreenda demandas emocionais de suas parceiras e de seus filhos, sendo cúmplice e sensível (NOLASCO, 1997).

Ainda de acordo com o referido autor, “situado em um mundo fragmentado, modelados pelo individualismo, os homens oscilam entre uma identidade que se esfacela a cada dia e a essência de uma outra com a qual eles se sintam mais integrados a eles mesmos e à sociedade em que vivem” (p.177).

Diante disso, novas concepções sociais sobre o masculino têm emergido na sociedade atual, ampliando as discussões sobre gênero, categoria antes restrita ao universo feminino e que também passou a ser aceita como uma luta em prol do masculino, pois, na medida em que busca desconstruir estereótipos que determinam suas identidades, traz possibilidades de relações mais igualitárias.

Já que o fenômeno gênero apresenta-se como um ponto central na discussão que ora é proposta, convém realizar alguns apontamentos sobre o mesmo. A palavra gênero (*gender* em inglês) foi introduzida como uma categoria de análise no século passado, especialmente a partir da década de 80. Foi o movimento feminista, que se firmava na discussão das diferenças entre os sexos, que imbricou quase todas as formulações teóricas das discussões entre masculino/feminino.

Na busca de compreensão desse conceito, faz-se imprescindível denotar as implicações culturais que constituem o gênero, já que “o gênero depende de como cada sociedade/cultura vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea numa mulher” (STREY, 1998 p. 183).

Corroborando com esta idéia, Scott (1990 *apud* FILHO, 2005) considera que gênero é um elemento que se constitui de relações sociais baseadas nas distintas percepções entre os sexos, sendo, uma primeira forma de dar sentido às relações de poder.

Segundo Scott (1990 *apud* FILHO, 2005), há necessidade de se compreender o gênero como a relação entre os sexos, bem como a forma como se atribui sentido às definições de homem e mulher e as práticas pelas quais os significados da distinção sexual são estabelecidos. O gênero concede significado às diferenças entre os sexos, significa seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres de uma sociedade. Se existem diversificações biológicas entre os sexos, não são as mesmas que estabelecem as diferenças entre eles, mas essa distinção ocorre pelas características que constituem a identidade do homem e da mulher num

determinado contexto social.

Mesmo não sendo biologicamente determinadas, estas relações de poder sustentam o imaginário social que vincula força física e poder, atribuindo-se ao masculino a idéia de superioridade e, em contrapartida, ao feminino o sentido de fraqueza.

Assim sendo, ao se pensar na definição de mulher e homem, deve-se buscar compreendê-los como uma palavra, cujo significado não é achado por meio do esclarecimento de uma característica específica e sim através da formação de várias características, havendo uma impossibilidade de definição clara do que seja ser homem e mulher, pois esta incluiria múltiplas possibilidades de ser e constituir-se socialmente (NICHOLSON, 2000 *apud* FILHO, 2005).

Esta constituição social, que, por sua vez, é mediada pela cultura, determina práticas comportamentais que legitimam as relações de desigualdades entre homens e mulheres, aprisionando-os aos papéis estipulados e inibindo outras formas de ser e existir, que, conseqüentemente, exclui as demais possibilidades de escolha.

Por saber que cultura e história estão imbricadas na formação da realidade social e esta, por sua vez, delimita as relações humanas, no contexto atual estão sendo delineadas novas alternativas de constituição do sujeito, que leva em consideração o fato de que nem sempre ser homem ou ser mulher requer atributos constantes. Assim, para conhecer-se como são as mulheres, socialmente construídas, faz-se necessário saber sobre os homens socialmente construídos, pois só ao conhecer historicamente o desenvolvimento de ambos é que pode se pensar em transformação de suas diferenças e igualdades.

Visivelmente, as novas possibilidades de ser homem emergem de um contexto que também está aberto às novas possibilidades de ser mulher. Estas possibilidades por sua vez estão intrinsecamente vinculadas aos papéis sociais que exercemos. Há séculos, a definição de masculino se vinculava às armas, à caça e à externalidade do lar, o que lhes instituía o sentido de poder, ao passo que as mulheres eram mantidas incultas, submissas e passivas à autoridade masculina. A transição da mulher para o mundo público possibilita ao homem transitar de forma mais efetiva pelo mundo privado. Assim, homem e mulher, privado e público perdem fronteiras e criam entrelaces, assumindo papéis mais igualitários nas relações sociais e afetivas, levando-os a uma relação de solidariedade.

É neste contexto que surge o que se nomeia de crise de identidade masculina, partindo do questionamento do que efetivamente é ser homem

na atualidade, visto que é urgente a esse homem contemporâneo lidar com as emoções e não só com as coisas – sexo, trabalho, esporte e política. Esse contato com a internalidade requer, de certa forma, que o novo homem seja suficientemente másculo pra lidar com sua fragilidade, já que na reorganização do masculino é preciso ressignificar conceitos culturais e históricos de masculino e feminino que o patriarcado produziu.

Sendo assim, conforme diz Sartre (s.d. *apud* NOLASCO, 1993) “os homens têm hoje diante de si a possibilidade de construir um projeto para suas identidades que transcendam as fronteiras do exílio a que foram remetidos por seus próprios narcisismos” (p. 181).

Dentro desse cenário, Murraro e Boff (2002) sugerem que estamos vivendo mais “um ponto de mutação” da espécie humana e, ou buscamos uma nova consciência, ou pereceremos.

Por nos constituirmos sujeitos históricos sociais, ao nascermos estamos automaticamente inseridos neste contexto que possui conteúdos simbólicos que medeiam a nossa socialização e, conseqüentemente, a formação da nossa identidade.

Na sociedade ocidental pós-moderna tem-se vivenciado a ruptura das representações da identidade masculina, fundadas no tradicionalismo, escrevendo-se uma nova história, sob novos paradigmas e novas definições do masculino.

O novo contexto social, diversificado, globalizado e mutante, demarca o início de novas formas de ser homem e situa a masculinidade com menos rigidez e maiores possibilidades de transitoriedade no que, há tempos, eram consideradas apenas características pertencentes ao mundo feminino, vislumbrando-se a construção de uma sociedade mais plural e mais igualitária.

OBJETIVOS

Diante desta realidade este estudo teve como objetivo geral investigar as representações sociais de homens sobre seu papel social, buscando conhecer os aspectos inerentes à sua identidade, analisar os novos comportamentos desempenhados pelos homens e identificar os fatores sócio-emocionais que estão imbricados no atual contexto de reestruturação da identidade masculina.

METODOLOGIA

A escolha da Teoria das Representações Sociais, para dar base ao presente estudo, faz-se

de extrema importância e justifica-se, visto que tal teoria confere racionalidade ao conjunto de saberes vividos no senso comum, expressos por homens que vivenciam um processo de transitoriedade de suas identidades e papéis. Partindo da realidade vivida pelos homens, buscou-se estudar as representações sociais a fim de conhecer o modo como esse grupo constrói seu conjunto de saberes, tanto individual quanto coletivo, expressando, por vezes, a identidade de um grupo social.

Participaram deste estudo 23 homens com faixa-etária entre 21 e 54 anos. Os dados foram coletados a partir da pergunta-estímulo: Para você, o que significa ser homem? A análise coletiva dos dados permitiu conhecer as representações que surgiam deste grupo de homens, expressando suas identidades. Para possibilitar tal análise, inicialmente se fez uma leitura detalhada de todas as respostas, buscando identificar os discursos mais significantes. Em seguida, iniciou-se o processo de categorização das respostas, as quais foram agrupadas em seis categorias: *características, conquistas, referência ao passado, responsabilidades, continuidades e mudanças*. Para cada categoria fez-se então uma análise quantitativa, estabelecendo o número de frequência de respostas, bem como uma análise qualitativa, por meio da análise de discurso dos participantes, buscando construir a representação social que emergiu do grupo pesquisado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os conteúdos emergentes no discurso dos participantes estão vinculados a uma nova identidade que se constrói socialmente, dando aos mesmos a possibilidade de expressão de seus afetos de forma mais livre, como um reconhecimento da conquista dos homens no mundo contemporâneo.

As responsabilidades percebidas ainda são sustentadas pelo compromisso de mantenedor, bom pai e responsável pela casa, o que também se evidencia no aspecto de continuidades de papéis. No entanto, os participantes assumem ter havido mudanças, as quais afirmam vivenciar, referentes principalmente à conquista de novos espaços pela mulher, à divisão de responsabilidades e tarefas, bem como a uma maior liberdade afetiva.

Nas respostas referentes à categoria **características do homem** surgiram 45 respostas, sendo que destas cabe destacar que algumas vincularam-se ao aspecto afetivo (amável, afetivamente bem, amigo, companheiro, ser forte,

delicado), de valores (correto, ser honesto) e de papéis (assumir o papel de pai, mantenedor, indispensável para o equilíbrio da família e da sociedade).

Nestes discursos, visivelmente, os homens representam sua identidade social, por vezes com base na sociedade patriarcal e com papéis bem definidos “identidade de mantenedor” (P2¹); “indispensável para o equilíbrio da família e da sociedade” (P5), mas também emergem discursos que denunciam a transitoriedade: “Eu acho que ser homem com ‘H’ é muito difícil nesta época em que vivemos” (P19) ou ainda ao dizer que “fica difícil dizer o que significa ser homem” (P23). Ao observarmos estes discursos e a caracterização dos participantes percebe-se que, independentemente da idade, estes homens se percebem num vazio de lugar, devido à inexistência de papel bem definido no mundo atual. Assim, enquanto alguns tentam agarrar-se em estereótipos do passado, outros demonstram claramente o “não lugar” e o estado de uma possível crise masculina. Tal fato pode confluir com a ideia de Badinter (1993), ao afirmar que o progressivo desaparecimento dessas certezas coloca o homem no “vazio da definição”, o que tem levado a muitos, especialmente os mais jovens, a enveredarem por duas escolhas: “não ser macho o bastante ou sê-lo em excesso”.

Cabe salientar que essas características referem-se a uma expectativa social que é permeada pelas expectativas geradas do que é ser homem em cada cultura e em cada sociedade em particular, o que acaba por gerar estereótipos comportamentais. No entanto, essas respostas indicam a forma como os homens percebem suas identidades, o que não deixa de ser um aspecto necessário à reflexão e desconstrução de estereótipos, seja de masculinidade, seja de feminilidade.

No aspecto **Conquistas** houve apenas uma menção que salienta o desenvolvimento humano e afetivo: “crescimento na área social, expressar ternura, dar orientação, seguir a religião e valorizar o próximo” (P5). Percebe-se no discurso uma possível aquisição de maior liberdade e autonomia de ser. Mesmo assim, no que se refere a conquistas, esta resposta é única dentre os participantes, o que chama atenção é que a mesma surge no discurso de um homem de meia idade – 54 anos – agricultor e que, mesmo apresentando discursos tradicionais – “nunca foi fácil ser homem na sociedade, mas ele é indispensável para o equilíbrio da família e da sociedade” –, destaca uma percepção de mudança.

Com relação à categoria **Referência ao**

¹Essas referências identificam o discurso dos participantes.

passado, emergiram oito representações, as quais ressaltam a diferença de gênero pautada, seja no aspecto religioso, seja no aspecto de educação familiar. Uma questão a refletir é o discurso do participante 1 que argumenta: “Desde Adão e Eva a mulher exerce domínio sobre o homem”. Neste discurso, possivelmente vincula-se a idéia de que a mulher é tida como elemento tentador ao homem, sendo a partir dela que vem a fraqueza e o desequilíbrio do homem, porque a concepção bíblica concebe a mulher como sendo inferior ao homem, devendo ser submissa.

Ao analisar a categoria **responsabilidades por ser homem**, percebe-se claramente que a maioria dos discursos vinculam-se à tradicionalidade da função do homem que se firmou com o patriarcado e deixa fortes resquícios ainda neste período de transição. Tais responsabilidades vinculam-se ao papel de provedor: “Ser mantenedor, dar sustento para a casa, edificar a família e supri-la economicamente” (P2). Mas também, apesar dessa continuidade de obrigações, pode ser permeado por maior compromisso afetivo: “Ser um bom companheiro da esposa, cumprir com seus compromissos conjugais”(P11); acrescentando ainda que é de responsabilidade do homem: “Trabalhar para manter as contas em dia e trabalhar muito para manter os estudos dos filhos” (P11). Um discurso mais livre de estereótipos pode ser observado na representação do participante 6: “Todo homem deveria ser verdadeiro e sensível, mas muitos acham que sensibilidade é coisa de mulher”.

Percebe-se de forma clara uma oscilação e insegurança dos homens entre uma identidade que se esfacela a cada dia e a essência de uma outra, com a qual eles se sintam mais integrados a eles mesmos e à sociedade em que vivem (NOLASCO, 1993).

A base desta insegurança reside principalmente na concepção que a aquisição de características consideradas predominantemente femininas geraria o questionamento da masculinidade afirmativa do homem.

Com relação ao aspecto **continuidade de papéis**, emergiram sete respostas ou representações, sempre vinculadas ao papel tradicional e as responsabilidades instituídas pela sociedade patriarcal, verificados no discurso do participante 1: “Ainda é o alicerce da sociedade”; o discurso do participante 13 vem a corroborar com esta mesma idéia ao afirmar que: “Por mais que a mulher adquira seu espaço merecido na sociedade há inda valorização do sexo masculino. O homem ainda é mais valorizado do que a mulher, mesmo que

ambos tenham competência profissional”

Neste sentido, cabe ressaltar o que afirma Strey (2001), ao postular que no passado, as mulheres passaram por grandes preconceitos, dificuldades e desigualdades, já que a sociedade patriarcal fundava a relação de submissão da mulher em relação ao homem, atribuindo sempre a falta de poder e gerando a dominação.

Por fim, cabe apresentar e discutir os discursos advindos da categoria **mudanças**, da qual emergiram vinte e sete representações sociais. A maioria esteve vinculada ao papel da mulher e sua conquista do espaço público, o que tem posto a relação e os papéis de homens e mulheres em aproximação de igualdade. Dentre estas percepções de mudanças, algumas parecem ainda não ser bem vistas: “Os homens estão perdendo campo para as mulheres” (P1). Outros a percebem de forma mais positiva: “Percebo mudanças quanto à mentalidade dos homens de hoje e uma maior aceitação ao valor das mulheres na sociedade” (P12). O participante 19 vai além e pontua que: “(...) conquistas feitas pela mulher, que ocorreram na sociedade e provocaram uma mudança nos homens frente aos novos papéis assumidos pela mulher”.

Tais representações estão de acordo com a concepção de Nolasco (1993), pois este autor afirma que o feminismo não beneficiou somente as mulheres, mas estendeu-se aos homens, que estão interessados em deixar de repetir estereótipos com os quais não mais se identificam, contrapondo-se à idéia de um homem fragilizado e em crise, defendendo que o que vivenciam os homens nesse momento é um período de busca individual pela integração do que pensam com o que sentem e fazem, buscando, a partir de suas vivências, individualizar-se, revendo uma identidade que não mais os satisfaz.

Um outro fator que merece destaque no aspecto mudança são as questões afetivas, bem evidenciadas no discurso do participante 18, ao refletir que: “O homem começou a entender mais a expressão do amor e dos sentimentos. O homem está tratando hoje a mulher com maior igualdade, tanto na situação pessoal como na profissional, está respeitando mais as vontades das mulheres, não como era antes, quando tinha o poder de dominação sobre a mulher”. Mudanças também são percebidas com relação à divisão de tarefas no âmbito privado: “ser homem atualmente é assumir novas atitudes, dividir tarefas, com as quais não estamos familiarizados, as quais nossos pais dificilmente concordariam em realizar” (P7). Em concordância com essa idéia o P21 acrescenta: “Hoje em dia, com a independência, o homem deve ajudar a mulher

nos serviços domésticos. Ela trabalha fora, então sobra menos tempo para limpar a casa e cuidar dos filhos”.

Neste sentido, mudanças são percebidas e articuladas pelos homens, direcionando-os a novas concepções identitárias e de papéis. É claro que, para a maioria dos homens, na sociedade contemporânea, novas formas de ser homem precisam ser admitidas, cabendo-lhes, o que sugere Badinter (1993): a desconstrução do modelo masculino tradicional, já que, devido à evolução das mulheres, o velho homem está desaparecendo, dando lugar a um outro, diferente, com mais transitoriedade, por características antes restritas às mulheres sem, contudo, perder sua significância e relevância para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender a forma como um grupo social constrói seus saberes a partir da identificação das representações sociais de homens sobre sua identidade na sociedade atual.

Através dos dados obtidos pelas técnicas utilizadas, os homens demonstraram, em seus discursos, que suas representações são construídas de uma realidade sócio-histórico-cultural na qual estão inseridos, que não revela apenas uma transição das relações e papéis de homens e mulheres, mas também um histórico de dominação e tradições patriarcais que perduraram por muito tempo e contornaram as relações de gênero.

É pertinente afirmar que os objetivos norteadores da pesquisa foram alcançados, no que se refere a conhecer aspectos que estruturam a identidade masculina atual. Percebeu-se que esta identidade encontra-se permeada por mudanças e continuidades, sendo estas mudanças originadas a partir das conquistas feministas, o que fez com que o homem buscasse desconstruir alguns padrões de comportamentos instituídos pela sociedade patriarcal e machista.

Com relação à proposta de analisar os novos comportamentos desempenhados pelos homens, o que ora se apresenta são as mudanças no âmbito privado, principalmente no que diz respeito à divisão de tarefas e responsabilidades, o que gera relações mais igualitárias e menos desiguais.

Por fim, como último objetivo específico, buscou-se identificar os fatores sócio-emocionais que permeiam a atual identidade masculina, os fatores que emergiram de forma mais significativa dizem respeito a uma maior expressão de afetos, sentimentos e sensibilidade, seja para com sua

parceira, filhos ou até em âmbito público, o que de certa forma os têm libertado de uma couraça que os afluía até pouco tempo, já que dificilmente a vivência de tais sentimentos eram bem vistos na sociedade machista.

Desta forma, fica claro que a identidade do homem atual é construída num território que também dá base para qualquer outra forma de ser e estar no mundo. Isto significa que, ser homem, aos poucos se desvincula de atitudes e padrões estereotipados de comportamentos e, cada vez mais, assume novos contornos, novas formas e possibilidades. A sociedade então modifica-se para a recepção deste novo homem, já que, na medida que este se reconstrói, reedifica também um melhor lugar, onde todas as possibilidades de liberdade e igualdade humana podem ser efetivamente estabelecidas.

Mesmo com o alcance dos objetivos pretendidos, este estudo não esgota o fenômeno em questão, havendo necessidade de buscas contínuas no desvendar das relações de gênero, de forma a construir um conjunto de conhecimentos válidos que possa nortear as intervenções no campo das ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **XY** : sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- TORRAO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 24, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2006.
- MURRARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. 2. ed Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. Um homem de verdade. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens: comportamento, sexualidade e educação**. São Paulo: Senac, 1997. p. 13-29.
- STREY, M. N. Gênero. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.181-198.